

## MINICURSOS

### 1. DIVERSIDADE E PLURALIDADE NA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS SOCIAIS E INCLUSIVAS

**Dia 06 de abril, terça-feira, de 16h às 18h**

**Proponentes:** Clézio Roberto Gonçalves (NEABI/POSLETRAS/DELET-UFOP);  
Daniele Francisca Martins do Nascimento (POSLETRAS/UFOP)

**Monitora:** Raíssa Marques (raissa.marques@aluno.ufop.edu.br)

#### **Resumo:**

As Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que adicionaram à Lei de Diretrizes e Bases da Educação o artigo 26A e, por meio dele, a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena, são leis muito importantes no Brasil. Leis que propõem algo fundamental para a realização de uma mudança cultural necessária, numa sociedade onde o racismo faz parte das relações sociais e de valores e práticas institucionais e exigem enfrentamento do racismo estrutural. Porém, a implementação do artigo 26A da LDB e suas Diretrizes Nacionais (Educação das Relações Étnico-Raciais e Educação Quilombola), e, também, dos Princípios e Diretrizes expressos no Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010), ainda não foram consolidados, pois carecem de políticas complementares e práticas efetivas. Sendo o Brasil um país que possui em torno de 53% da população que se autodeclara negra (preta e parda), segundo o último IBGE, esta legislação nos apresenta uma intensa reflexão propondo estratégias de mudança da lógica colonial-racista persistente nos espaços de educação. Com isso, esse minicurso, dialogando com autores como GONÇALVES & MUNIZ (2017), GOMES (2003, 2017) e SILVA (2018, 2019), se propõe a intensificar uma discussão sobre as políticas públicas voltadas para a Educação das relações étnico-raciais e as relações de gênero, cidadania e respeito pela diversidade em todas as suas manifestações, a partir da construção de práticas de inclusão, tolerância e diversidade cultural na educação.

**Palavras-chave:** educação; diversidade, pluralidade; inclusão social.

### 2. LEITURA EM LÍNGUA MATERNA E NOVOS LETRAMENTOS: HABILIDADES EM JOGO E SUGESTÃO DE ATIVIDADES

**Dia 06 de abril, terça-feira, de 16h às 18h**

**Proponente:** Leandra Batista Antunes (UFOP)

**Monitora:** Dalila Realino (dalila.realino@aluno.ufop.edu.br)

**Resumo:**

Propostas isoladas de leitura, ainda que baseadas nas teorias dos gêneros discursivos, podem ser ineficazes na formação de um/a aluno/a crítico/a e capaz de exercer sua cidadania. A proposta desse curso é mesclar princípios dos novos letramentos com diversas habilidades de leitura para que a formação do aluno crítico e cidadão seja mais focalizada no ensino de língua materna. Também é objetivo nosso discutir algumas sugestões de atividades, de forma a elaborar atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura que contribuam para uma formação mais integral do sujeito aprendiz.

**Palavras-chave:** leitura em língua materna; novos letramentos; habilidades de leitura; formação crítica.

### 3. ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: BRANQUITUDE, NEGRITUDE E RACISMO EM QUESTÃO

**Dia 06 de abril, terça-feira, de 14h às 18h**

**Proponentes:** Erick Soares Drumond (POSLETRAS/NEABI-UFOP);  
Marcela Gonzaga (POSLETRAS/NEABI-UFOP)

**Monitora:** Tátima (tatimapa@gmail.com)

**Resumo:**

Questionando a fragilidade do debate étnico-racial nos cursos de formação de professores de Língua Inglesa (FERREIRA, 2014) e reconhecendo a persistência do silêncio na linguística aplicada em se discutir questões de raça e racismo (JORGE, 2012), a proposta deste minicurso é questionar a sala de aula de LI como um espaço de perpetuação de práticas racistas. Apresentaremos alguns conceitos referentes à temática que jogam luz na urgência de um debate político sobre decolonização do currículo e das práticas dos (futuros) professores indo de encontro com representações estereotipadas da população negra que ainda persistem nos livros didáticos da disciplina em questão. Pensando na realidade do estado de Minas Gerais, estado esse que mais recebeu escravizados dentre os mais de 4,9 milhões desembarcados no Brasil, o objetivo do minicurso é construir propostas pedagógicas em conjunto com os participantes a fim de repensar nossas práticas ainda tão pautadas pelos vários tipos de racismo, alimentados pelo mito da democracia racial (GOMES, 2012) que questiona/anula as conquistas dos povos negros e continua, até os dias de hoje, perpetuando privilégios simbólicos e materiais para povos brancos. As reflexões serão guiadas pelos estudos de Jorge (2012), acerca das relações de poder envolvidas no ensino de LI; Munanga (1999) e Moore (2007), sobre o conceito de raça e as relações raciais no Brasil; Farias & Ferreira (2014) e Nascimento (2016), acerca das relações étnico-raciais refletidas no livro didático; Jucá (2017), sobre a formação crítica de professores; e Schucman (2012) e Malomalo (2017) sobre branqueamento e branquitude.

**Palavras-chave:** antirracismo; ensino de Língua Inglesa; formação de professores; práticas decoloniais.

#### **4. TIPOLOGIA TEXTUAL – A TEORIA DOS TIPELEMENTOS: TIPOS, SUBTIPOS, GÊNEROS E ESPÉCIES**

**Dia 07 de abril, quarta-feira, de 16h às 18h**

**Proponente:** Luiz Carlos Travaglia (ILEEL/UFU)

**Monitora:** Dalila Realino (dalila.realino@aluno.ufop.edu.br)

##### **Resumo:**

Neste minicurso será apresentada a base da teoria sobre tipologia textual estruturada por TRAVAGLIA em muitos de seus artigos. O curso acontecerá on-line por meio do desenvolvimento dos seguintes aspectos: a) que as categorias de texto são de quatro naturezas distintas que são chamadas de tipelementos: os tipos, os subtipos, os gêneros e as espécies; b) que os gêneros são a categoria efetivamente circulante nas sociedades e culturas e que são compostos pelos tipos, subtipos e espécies; c) quais as relações possíveis entre tipos e subtipos na composição de gêneros; d) os elementos básicos para a caracterização, distinção e reconhecimento das categorias de texto; e) o reflexo dessa teoria no ensino.

O minicurso será ministrado em uma exposição concisa dos principais elementos da teoria com material em tela e os participantes poderão fazer perguntas.

**ATENÇÃO:** Como o tempo do minicuro é pequeno para a quantidade de conteúdo, sugere-se que os inscritos ou que desejam assisti-lo leiam previamente o texto abaixo em que se apresenta um resumo de toda a teoria para professores. Na bibliografia desse artigo o leitor encontra outros trabalhos do autor que poderá ler em busca de maiores detalhes TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipologia textual e ensino de língua. Domínios de Linguagem, Uberlândia: UFU/ILEEL, vol. 12, n. 3, jul. - set. 2018, p. 1336-1400. ISSN 1980-5799. DOI: 10.14393/DL35-v12n3a2018-1. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41612>

**Palavras-chave:** teoria sobre tipologia textual; Travaglia; categorias de texto; tipelementos; reflexo da teoria tipológica no ensino.

#### **5. QUEM É A/O NEGRA/O DAS AÇÕES AFIRMATIVAS?**

**Dia 07 de abril, quarta-feira, de 16h às 18h**

**Proponentes:** Ângelo de Oliveira Gomes Teixeira (UFOP);  
Adilson Pereira dos Santos (UFOP)

**Monitora:** Raíssa Marques (raissa.marques@aluno.ufop.edu.br)

**Resumo:**

As relações raciais no Brasil comportam peculiaridades que levaram pesquisadores e a sociedade em geral a acreditarem que somos um país sem racismo, onde grassava uma “democracia racial”. Oracy Nogueira (2006), identificou que vigora no país o “preconceito de marca”, ao passo que nos EUA, observa-se o “preconceito de origem”. Nogueira demonstra que estas formas de discriminação agem distintamente, uma exclui o indivíduo com base na sua origem (uma gota de sangue basta) e a outra gera obstáculos à integração deste devido sua marca, o que denomina “racismo velado”. Nesta forma de racismo, por considerar o fenótipo, quanto mais características do grupo étnico discriminado tiver, maior a exposição do indivíduo ao racismo. De tal sorte é conferida certa vantagem às pessoas com menos marcadores fenotípicos. Edward Telles (2003) mostra como, por conta do mito da democracia racial, pessoas negavam (e ainda negam) seu pertencimento enquanto negras sob a justificativa de serem miscigenadas. Trata-se de reflexo do próprio racismo, pois tais pessoas são conscientes dos efeitos negativos de se pertencer ao grupo e por isso recusavam-no. Com as políticas de ação afirmativa, pessoas que não se colocavam como negras passam a fazê-lo. Assim, a heteroidentificação é chamada para garantir a aplicação dessas leis, visando responder os debates provocados pelas denúncias de autodeclarações de candidatos em desconformidades com as características dos efeitos do racismo à brasileira. Assim, esse minicurso busca refletir as relações raciais no Brasil, em tempos de ações afirmativas.

**6. E UM HOMEM? NÃO É TRISTE UM HOMEM? – A OBRA DE PRIMO LEVI**

**Dia 06 de abril, terça-feira, de 16h às 18h**

**Proponente:** Heloiza Montenegro Barbosa (UFPE)

**Monitora:** Sandra Coelho (sandra.coelho@aluno.ufop.edu.br)

**Resumo:**

Este minicurso pretende analisar poesias e contos relacionadas ao Holocausto, escritas pelo químico italiano, escritor e sobrevivente do Holocausto, Primo Levi. Nascido em uma família judia assimilada, na cidade de Turim, em 1919, Levi fez parte dos movimentos de juventudes fascistas na época da escola - seu próprio pai também integrante do partido, por comodismo e para manter seu emprego. Foi apenas com a implementação das Leis Raciais em 1938 - enquanto Primo encontrava-se na faculdade de Química - que sua situação modifica-se: ele passa a ser rejeitado no próprio país, a terra que havia abrigado sua família por gerações. Após formado, junta a dificuldade de conseguir emprego com o "moderado e abstrato espírito de rebelião" (LEVI, 1988, p. 11), une-se aos movimentos antifascistas, onde é capturado e, posteriormente, enviado para o campo de concentração de Buna-Monowitz, ao se identificar como "cidadão italiano de raça judia" (LEVI, 1988, p. 12). Sobrevive ao campo de concentração e, ao voltar escreve seus dois primeiros livros, narrando sua experiência enquanto sobrevivente: *É isto um homem*, publicado em 1947 e *A trégua*, em 1963. Entre a publicação de seus dois livros, Primo dedica-se a poesia, entrando em conflito com a famosa frase de Adorno, que afirma que escrever poesia após Auschwitz "é um ato bárbaro". Desse modo, esse minicurso

apresenta uma seleção de textos, narrando a sua experiência enquanto sobrevivente, entrando em contradição com a sua própria existência, que se apresenta num mundo pós-Auschwitz e existe dentro e por causa dele.

**Palavras-chave:** Primo Levi. Holocausto. Literatura.

## **7. A LEITURA COMO ENGRENAGEM NA MECÂNICA DO PODER: POSSIBILITANDO RESISTÊNCIAS**

**Dia 07 de abril, quarta-feira, de 16h às 20h**

**Proponente:** Anísio Batista Pereira (PPGEL/UFU/FAPEMIG);  
Bianca Ayala Melo Di Alencar (PPGEL/UFCAT)

**Monitora:** Tátima (tatimapa@gmail.com)

### **Resumo:**

No cenário político da contemporaneidade, presenciamos inúmeros acontecimentos, mudanças institucionais resultantes de ações governamentais que acabam por colocar a população/sujeito em meio a relações de saber e de poder que o subjetivam de acordo com os regimes de verdade estabelecidos historicamente. Considerando-se esse contexto de transições em várias esferas da sociedade, neste minicurso objetiva-se problematizar as estratégias governamentais que funcionam segundo a racionalidade neoliberal na condução de políticas públicas que impactam o destino dos cidadãos, tendo a leitura destas ações como parte integrante na mecânica do poder. Será abordado sob uma perspectiva cognitiva e didática. Discutir-se-ão a importância da leitura como ferramenta de resistências, possibilitadas pelas problematizações dos regimes de verdade estabelecidos historicamente, e ainda, as estratégias discursivas empregadas com o objetivo de sujeitar o cidadão ao interesse de uma posição-sujeito arbitrária e violenta. Debates e reflexões serão propiciados à luz das considerações empreendidas por Michel Foucault (1978/1979; 1995; 1999; 2008; 2010) sobre poder, regimes de verdade, biopolítica e biopoder e, ainda textos escritos pela Professora Doutora Luzmara Curcino Ferreira que tratam sobre a temática da leitura como instrumento de poder. O minicurso terá duração de 4h, tempo destinado à apresentação da teoria e do corpus recortado para análises. Os recursos físicos serão notebook, data show para projeção de imagens, e os recursos didáticos se pautarão em aula expositiva dialogada, possibilitando interação dos inscritos com os doutorandos ministrantes.

**Palavras-chave:** poder; estratégia; leitura; biopolítica.

## **8. UNISALE FELIZ – interrogando e discutindo o (não) ser feliz na atualidade**

**Dia 07 de abril, quarta-feira, de 16h às 18h**

**Proponentes:** Valdeni Reis (UFMG)  
Kely Silva (UFMG)  
Nathalie Alacoque (UFMG)

Caroline Archer (UFMG)

**Monitora:** Sandra Coelho (sandra.coelho@aluno.ufop.edu.br)

Nosso contato intenso com alunos da graduação, com professores da rede pública de ensino e com seus alunos nos fez perceber o modo sofrido e preocupante com que estão lidando com as restrições e acontecimentos em tempos de pandemia. Notamos aí a existência de muita angústia e ansiedade advindas de incertezas e da ausência da relação com o outro e com o espaço escolar. Todos parecem muito infelizes e focados nos aspectos restritivos e negativos deste tempo tão peculiar. Inspirados em Dannen (2020) que defende que nesses tempos as pessoas devem vir em primeiro plano, o conteúdo em segundo e questões referentes à tecnologia por último, entendemos como urgente, adaptar os objetivos didático-pedagógicos do Projeto de Extensão UNISALE Parceria Universidade-Escola. O referido projeto busca criar espaços de interação escola-universidade, agindo colaborativamente para a compreensão e aprimoramento do ensino da língua inglesa nas escolas parceiras, unindo os saberes produzidos no ensino superior, aos saberes produzidos na educação básica brasileira. Nossos objetivos didáticopedagógicos estão pautados, deste modo, na colaboração, criticidade, criatividade, ética interdependente e responsabilidade, fomentando relações com a comunidade escolar de respeito e de criação de possibilidades de aprendizagem do inglês e de mudança social. Sendo que nossa filosofia de trabalho se ancora justamente na relação com o outro e com sua demanda/necessidade, diante da pandemia do COVID-19 percebemos que nossos esforços como UNISALE, deveriam estar focados no bem-estar do sujeito, a saber, sendo este graduando, professor ou aluno da educação básica. Nesse sentido, o minicurso UNISALE FELIZ surge como resposta à demanda de ansiedade, de angústia e de não lugar enfrentado por professores e alunos durante o longo e complexo período de isolamento. O presente workshop objetiva, assim, levar seus participantes a se interrogar e a se compreender por meio de ações e relações corriqueiras dentro das quais ele está envolvido, por vezes, de modo automático e, por assim ser, sem vida ou infeliz. De modo mais específico, pretendemos fomentar momentos de experiência (LARROSA, 2018) dentro dos quais o sujeito-participante ao se tornar presença (BIESTA, 2017), se flagre capaz de sustentar a felicidade em seus (des)encontros e suas (im)possibilidades.

**Palavras-chave:** Parceria Universidade-Escola; demanda/necessidade; ações e relações.